



R **RESENHA**



RELIGAR CONHECIMENTOS PARA UM NOVO OLHAR SOCIAL E CULTURAL

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

Adriana Aparecida de Souza¹

Edgard de Assis Carvalho é antropólogo e se dedica à antropologia da complexidade. Atualmente é professor titular de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenador do COMPLEXUS - Núcleo de Estudos da Complexidade. Membro da Associação para o Pensamento Complexo – Paris. Tem vários artigos publicados e outros trabalhos como orientações de dissertações e teses na área da teoria antropológica contemporânea e da antropologia dos sistemas complexos. Publicou vários livros, dentre os quais: **Ensaio de Complexidade** (1997), **Ética, solidariedade e complexidade** (1998), **Edgar Morin: em busca dos fundamentos perdidos, textos sobre o marxismo** (2002) e o último **Virado do avesso** (2005) é também tradutor de vários livros do pensador francês Edgar Morin.

O livro **Enigmas da Cultura** foi escrito de uma forma que não há necessidade de se seguir uma leitura linear, pois cada capítulo constitui um conjunto de significações simultâneas autônomas e articuladas entre si no contexto estrutural do texto. Os capítulos como o próprio autor denomina são portas de entrada à argumentação como se fossem protocolos imaginários elaborados por artistas, romancistas, poetas, religiosos e por cientistas. Funcionam como uma apresentação para a **religação de saberes**, que é um dos focos propostos neste ensaio.

Carvalho incorporou as citações ao texto como se fossem uma continuidade de suas argumentações e com base nisso, sugere a decifração de alguns enigmas da cultura que afligem a todos os humanos, particularmente os que se vêem incumbidos da formação das gerações futuras. Essas, sim, encarregadas de dar continuidade a um processo civilizador, cujo início já se perde na névoa irreversível do tempo, da vida e do próprio conhecimento.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - UFRN. E-mail: drycacyda@hotmail.com.

A proposta do livro é assumir uma posição contrária ao relativismo. Para isto, o autor examina contornos, experiências, utopias e algumas impertinências contidas nas idéias de Lévi-Strauss, Godelier e Morin dialogando com e entre eles. O que faz respeitando a diversidade de cada um dos autores - religando-os por suas idéias e pensamentos, especialmente no que concerne a concepção dos três pensadores sobre a tarefa da Antropologia para fazer jus ao nome que tem: **ciência do homem**.

A intenção do autor é expor ao leitor três constelações cognitivas que constituem sua argumentação, para que o leitor ao lê-las possa construir seu próprio caminho, inculcando a si mesmo a necessidade de reforma do pensamento para que esta seja estendida a todos os campos da cultura, como algo urgente e inadiável. Para promover um diálogo com o leitor, não conclui seu livro, mas dá liberdade para este escolher a melhor forma de utilizar os argumentos para melhor entender os **caminhos dos enigmas da cultura**, deixando para este, um desafio reflexivo e dialógico.

No primeiro capítulo o autor discorre sobre a teoria de Lévi-Strauss, informando que para este a lingüística é um campo de pertinência fecundo para análise dos sistemas simbólicos em suas análises sobre o papel dominante e ordenador que as relações parentais assumem nas sociedades sem classes. Diz que a obra de Lévi-Strauss faz uma crítica às sociedades modernas, pois essas se afastaram da lógica do sensível e da arte da memória, pois estão mergulhadas na linearidade radical do tempo e na inautenticidade do corpo, da alma e da afetividade.

Seguindo o pensamento de Lévi-Strauss, Carvalho interpreta que ele resgata denominadores comuns para as diferenças culturais, ao apontar características comuns à maioria das sociedades, para desta maneira construir um modelo teórico da sociedade humana. Assim, nesse pensamento o parentesco deixou de ser um princípio regulador ativo nas sociedades modernas, mas a invariância da proibição continua a determinar, inconsciente e imaginariamente, uma ética social e um conjunto de práticas culturais que se retroalimentam de mutualidades, reciprocidades, direitos e obrigações.

Salienta que Lévi-Strauss propõe a religação dos dois modos científicos de se pensar a vida: o pensamento selvagem e o científico, pois o pensamento selvagem elabora sua cientificidade a partir de classificações da natureza e de **"imagines mundi"** (p.37), verdadeiros edifícios mentais que não dissociam o sensível e o inteligível, fato que corrobora a idéia de que a abstração não é privilégio das línguas civilizadas.

Para o autor, em seus diálogos com Lévi-Strauss as sociedades humanas são regidas por movimentos e esferas analíticas e dialéticas que se entrecruzam e se retroalimentam mutuamente. Elas traduzem atitudes subjetivas para com a história, concebem-se de modo diverso. É por este motivo, que a história é considerada o mito por excelência dos tempos modernos. Assim, o papel da antropologia é concentrar seu empenho na dupla reintegração da cultura na natureza e da vida nos processos físico-químicos. Enfim, "o homem faz parte de vida, a vida da natureza e a natureza do cosmo." (p. 41).

Carvalho argumenta ainda que o divórcio ocorrido entre a ordem natural e a cultural foi responsável pela alienação do homem de sua condição genérica, incumbindo-o da *fáustica* missão de dominar e destruir o mundo natural. Para ele "o homem precisa ser descentrado, dissolvido, para ser reintegrado na natureza de onde veio, colocando como mais uma espécie dentre todas as espécies." (p. 46).

O autor ainda informa que, Lévi-Strauss faz um resgate da relação entre história e Antropologia, e é neste momento que Carvalho traz Godelier ligando esses dois autores, trazendo todo um diálogo que Godelier faz com os textos de Marx para dar mais consistência ao método adentrando, assim, no materialismo histórico. Dessa maneira, tenta demonstrar a consistência dele não apenas na análise do capitalismo, mas também na análise da esfera social das relações sociais nas sociedades sem classes.

É no segundo capítulo que Carvalho traz mais precisamente a contribuição de Godelier que liga o marxismo à Antropologia. Godelier se apropria de alguns conceitos de Marx para enfatizar que é possível uma relação entre o marxismo e a Antropologia, procurando estabelecer e identificar qual esfera social passa a exercer a dominância do conjunto das relações sociais, uma vez consolidada a passagem de um modo de produção a outro. De acordo com Carvalho, Godelier enfatiza a necessidade de empreender a análise das condições de produção e não-reprodução dos sistemas econômicos e sociais que coexistem no mundo e que se encontram subordinados à dominação capitalista e socialista.

Para Carvalho a contribuição de Godelier é que esse empreendimento está aquém dos limites disciplinares da Antropologia, e daí a necessidade de religar os antropólogos aos historiadores, aos filósofos, aos psicanalistas desterritorializando-os de suas especialidades, independentes dos focos do poder de exploração, incumbidos da missão de repensar o **Anthropos**. E que essa cooperação intercêntricas envolve a redefinição da relação entre sujeito e objeto, que já havia sido problematizada por Lévi-Strauss.

Nesse sentido, para o autor, a relevância do marxismo antropológico é tentar perceber a dinâmica contraditória presente na primitividade e nos movimentos gerais da evolução das sociedades. Citando Marx (1971) diz que em **Formações econômicas pré-capitalistas** há o argumento de que o fluxo histórico que desemboca no capitalismo é, simultaneamente, contínuo e descontínuo, funcional e disfuncional, contraditório e não-contraditório, estável e instável. Essa reversibilidade contém contradições, instabilidades, retroações, dissipações, que estão presentes nas complexas transições de um modo de produção a outro. E elas são multiformes, multifuncionais, multidimensionais, contêm lógicas sociais e as mais diversas identificações empíricas. Desse modo, chama a atenção, que talvez seja por isto, que os enigmas das origens da cultura constituam-se necessariamente de representações ilusórias dentre as quais o sagrado, considerada a mais importante delas. Fundamento da ideologia e da religião.

No terceiro capítulo, Carvalho mostra que é Morin que tenta fazer a religião que envolve a construção de novos saberes através da educação, da política e da ética. A reforma do pensamento vislumbrada por Morin constitui um meta ponto de vista a ser perseguido por todos os pensadores demonizados com a necessidade premente de uma ordem planetária que respeite a vida, rejeite a violência, seja generosa, que ouça para compreender, que preserve o planeta e redescubra a solidariedade intercultural.

Carvalho traz à discussão a proposição de que Lévi-Strauss, Godelier e Morin desfazem a impregnação da superioridade do homem perante a natureza, e da necessidade da colaboração de múltiplos saberes. Infatiza que isso só é possível quando o homem passar a ser entendido como um ser-vivente simultaneamente cosmo-bio-antropossocial, inteiramente descentrado de sua arrogância e superioridade.

Para o autor esse descentramento requer reconhecer a originalidade sapiental, sem conceder-lhe o estatuto finalista de sobrenaturalidade e ápice do desenvolvimento. Ele propõe que a Antropologia fundamental abra-se para a vida, para o imaginário e para o sujeito, para enfim adquirir o estatuto da complexidade. Esse sujeito, que é ao mesmo tempo endo e exo-referente, apenas obtém pertinência quando está inserido numa rede de interações e retroações bio-psicossocioculturais.

Nesta obra, Carvalho traz à tona idéias levantadas por Morin para quem o cinema é visto como a caverna simbólica que o homem se mostra como ele verdadeiramente é, e é um ótimo exemplo da retroalimentação das esferas do real e do imaginário, trazidas por Lévi-Strauss e Godelier.

Através desta obra, Carvalho busca trazer para seus leitores a necessidade de fazer uma revolução paradigmática, inserindo-se nos paradoxos do tempo, a efetivação da ecologia das culturas, da regeneração do humano, da consolidação de democracias abertas, na cultura da paz. Conjectura que essa revolução paradigmática exige intelectuais menos ciosos das verdades de suas especializações, menos proprietários de seus objetos, que sejam capazes de religar os saberes científicos, filosóficos, artísticos e de reconhecer que, apesar dos progressos visíveis da tecnociência, nós continuamos a saber muito pouco do homem, da vida, da terra, do cosmos.

A proposta dele se resume na construção de uma ética transdisciplinar dos valores universais que contradizem relativismos e particularismos esclerosados e bate de frente na tecnoburocracia instalada nas ciências humanas. Assevera que é preciso: reconhecer como universal-singular a missão da cultura como uma teorização dos sistemas bioculturais complexos; fazer autocrítica permanente; praticar auto-ética recorrente; aceitar a reorganização genética constante, o espírito livre e autônomo e, que é necessário compreender que a subjetividade é sempre múltipla, que há êxtase amoroso e meditação profunda como desafios para o ser-sujeito autônomo e desejante.

Por estes caminhos, o livro traz um convite aos leitores para primeiro conhecerem a si mesmos, para depois buscarem conhecer o mundo. É uma leitura que não necessita de conhecimentos prévios da área, é prazerosa, uma verdadeira viagem no mundo interpretativo da cultura que vale a pena ser feita para pensarmos e refletirmos sobre o conhecimento e tentar, como Carvalho, religar saberes dispersos na tentativa de construir conhecimentos transdisciplinares, solidários, éticos para um novo pensar sem preconceitos, sem relativismos, enfim unindo natureza e cultura.

